

OS ESPAÇOS E AS CONSTRUÇÕES EM *BRACARA AUGUSTA*.
INSTRUMENTOS PARA O ESTUDO DO QUOTIDIANO
NO NOROESTE PENINSULAR¹

SPACES AND BUILDINGS IN *BRACARA AUGUSTA*. INSTRUMENTS FOR
THE STUDY OF DAILY LIFE IN THE NORTHWEST IBERIAN PENINSULA

Fernanda MAGALHÃES²

RESUMEN: As escavações realizadas em Braga ao longo dos últimos 40 anos forneceram dados significativos sobre a arquitetura privada da cidade romana de *Bracara Augusta* entre o século I e a Antiguidade Tardia, documentando a evolução dos diferentes quarteirões habitacionais.

Tendo por base o acervo de informação disponível procuraremos evidenciar neste trabalho os resultados do estudo das *domus* conhecidas, procedendo-se para o efeito à caracterização funcional dos espaços conhecidos, bem como à avaliação da sua evolução. A abordagem arquitetónica e construtiva permitirá ainda compreender o modo como os modelos itálicos foram assimilados pelas elites da cidade, permitindo valorizar as soluções construtivas regionais.

Para o efeito pretende-se realizar uma análise da arquitetura doméstica romana de *Bracara Augusta* enquanto contexto de abordagem do quotidiano e sociabilidades das cidades romanas do NO Peninsular. Assim, procuraremos valorizar as *domus* romanas de um ponto de vista arquitetónico e construtivo, mas também económico e social.

PALABRAS CLAVE: *Bracara Augusta*, arquitetura privada, *domus*, vida quotidiana.

¹ “Este trabalho tem apoio financeiro do Projeto UID/AUR/04509/2013 pela FCTMEC através de fundos nacionais e, quando aplicável, cofinanciamento do FEDER, no âmbito do novo acordo de parceria PT2020.”

² Bolseira de doutoramento da FCT (SFRH/BD/100030/2014), investigadora Lab2PT, Unidade de Arqueologia, Universidade do Minho. E-mail: b3872@uaum.uminho.pt

ABSTRACT: Archaeological interventions in Braga in the last 40 years provided enough data about private architecture on the roman city of *Bracara Augusta* between the first century and late antiquity, acknowledging the evolution of several buildings and blocks.

Through available database we aim to analyze all the knowing *domus*, characterizing each space and their functionality, as well as their architectural evolution. It's also pretended to realize how provincial elites assimilated italic housing models and managed architectural solutions.

For what, we'll proceed to analyze *Bracara Augusta's* roman domestic architecture as spotlight to everyday life and sociability in roman cities from northwest Iberian. In this way, our purpose is to value roman *domus* from architectural but also economic and social perspectives.

KEYWORDS: *Bracara Augusta*, private architecture, *domus*, everyday life.

1. INTRODUÇÃO

A arquitetura privada romana reflete a sociedade que a criou, transmitindo nos seus diferentes modelos aspetos de natureza social e económica, relacionados com o estatuto dos proprietários. Neste sentido, as necessidades arquitetónicas eram sempre aproveitadas para difundir códigos sociais e, naturalmente, ideológicos.

Assim, acontece com as *domus*, enquanto casas de elite, que podem ser analisadas e valorizadas como contextos de abordagem do quotidiano das cidades romanas, uma vez que existe uma estreita relação entre a casa e a posição social do seu proprietário, visível não só na forma de organizar os espaços interiores, como nos programas decorativos que ostentavam, os quais, regra geral, expressavam o nível cultural dos proprietários e a elevada competição que se estabeleceu entre as elites da sociedade romana (Silva, 2000:29).

Desta forma, quando abordamos as casas urbanas de elite em contextos provinciais podemos compreender o modo como os modelos itálicos foram assimilados e interpretados pelas elites das diferentes cidades e também como eles foram sujeitos a soluções construtivas diferenciadas, que decorrem de tradições regionais, das matérias-primas que foram utilizadas e da necessária adaptação das estruturas ao terreno. O estudo da arquitetura privada permite igualmente realizar uma leitura funcional e social dos espaços das casas e com-

preender as relações que neles se podiam estruturar, ainda que essa abordagem seja mais fácil quando dispomos da totalidade das plantas das casas.

Os dados disponíveis para caracterizar as *domus* de *Bracara Augusta*, ainda que bastante expressivos para suportar a análise da organização dos espaços domésticos, são naturalmente escassos e sobretudo fragmentários, pois resultam dos trabalhos de arqueologia preventiva realizados na cidade de Braga, ao longo dos últimos 40 anos. Com efeito, a arqueologia urbana apenas permite identificar fragmentos de edifícios antigos, sendo por vezes necessário esperar décadas para que seja possível escavar dois lotes urbanos contíguos. Essa é uma situação recorrente em Braga, pelo que o trabalho de interpretação planimétrica e funcional das *domus* tem sido bastante condicionado por não possuímos casas totalmente escavadas. De facto, até ao momento apenas foi possível escavar na totalidade a *domus* das Carvalheiras, a única que se presta a uma análise detalhada da sua organização interna e a uma avaliação do uso social do espaço (Martins 1997-98; Magalhães, 2015). Por outro lado, importa não esquecer que as casas são as formas arquitetónicas que mais alterações sofrem ao longo do tempo da sua existência. Na verdade, cada casa representa uma realidade específica, que tem de ser minuciosa e individualmente analisada (Magalhães *et al.*, 2015). Assim, consideramos que não existem duas *domus* romanas rigorosamente iguais, apesar de ser evidente que a maioria apresenta semelhanças entre si, no que respeita à presença de espaços e soluções decorativas semelhantes (Uribe Agudo, 2008, p. 616).

Apesar de todas as limitações referidas, propomo-nos a valorizar neste trabalho o acervo de informação reunido nas últimas quatro décadas no âmbito do Projeto de Salvamento de *Bracara Augusta*, tendo em vista realizar uma análise ao conjunto das *domus* conhecidas do ponto de vista arquitetónico.

Dentro do referido projeto, nos finais dos anos 90 do século XX a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, responsável pelo estudo de *Bracara Augusta*, deu início à criação dos primeiros modelos 3D, bem como à criação de ambientes virtuais dos espaços arquitetónicos romanos de Braga. Desde então, as novas tecnologias de representação têm constituído um instrumento precioso para estudar e melhor compreender o urbanismo e a arquitetura de *Bracara Augusta*.

2. A CIDADE DE BRACARA AUGUSTA

2.1. Fundação e organização de *Bracara Augusta*

Com o fim das guerras cantábricas, era necessário proceder a uma reorganização administrativa da Hispânia, o que implicou a criação de cidades com estruturas sociais e políticas passíveis de consolidar a presença romana na região e facilitar a integração das populações indígenas (Fig. 1). É neste contexto que é fundada a cidade de *Bracara Augusta*, um dos três centros urbanos criados por Augusto no NO peninsular (Martins *et al.*, 2012: 32).

Enquanto o estatuto jurídico e a data da fundação da cidade permanecem problemáticas, o mesmo não se verifica com o papel desempenhado pelas elites indígenas, oriundas dos castros da região, no povoamento da cidade, já que estas foram as personagens que ocuparam os principais cargos da nova *civitas*, sendo fundamentais no processo de criação de uma aristocracia urbana (Martins; Fontes, 2010:112).

O conjunto vastíssimo de vestígios arqueológicos identificados nas diversas escavações que foram realizadas na cidade de Braga, nas últimas quatro décadas, no âmbito do *Projeto de Salvamento de Bracara Augusta*, permitem concluir que estamos perante uma *urbs*, objeto de planificação e com um projeto urbano desde a sua fundação, tendo beneficiado de condições topográficas vantajosas e da inexistência de estruturas urbanas anteriores, o que facilitou a implementação de um plano urbano ortogonal (Martins *et al.*, 2012: 32).

A cidade de *Bracara Augusta* possuía eixos orientados N/NNO-S/SSE e O/OSO-E/ENE, sendo os quarteirões quadrados, com cerca de 156 pés, incluindo as ruas e os pórticos, com cerca de 12 pés (3,66 m), ocupando as áreas construídas cerca de 1 *actus* (120 pés), modulação observável na zona arqueológica das Carvalheiras (Martins *et al.*, 2013:82). As ruas mediam entre 10 e 12 pés, enquanto a parte identificada do *cardo maximus* possuía 24 pés de largura.

Entre o último quartel do século I e os inícios de século II operou-se um programa de obras e de monumentalização da cidade perfeitamente documentado no registo arqueológico, com vestígios de edifícios de carácter público, como as termas do Alto da Cividade (Martins, 2005), o teatro (Martins *et al.*, 2013a), o anfiteatro (Morais, 2001) e o edifício sob a Sé Catedral, que pode corresponder a um possível *macellum* (Fontes *et al.*, 1997/98). O florescimento construtivo da cidade, certamente decorrente do seu florescimento económico é ainda testemunhado pelas ruínas de algumas *domus*, como se sucede com a *domus* das Carvalheiras (Martins, 1997/98).

No período flávio é expetável que a cidade tenha atingido a sua máxima extensão, tendo o programa de monumentalização da cidade também abrangido as áreas periféricas, como parece comprovado pela remodelação operada na Fonte do Ídolo (Elena *et al.*, 2008:53). Nesta fase, verificou-se, igualmente, uma maior utilização dos subúrbios, equipados com espaços artesanais, nomeadamente oficinas de cerâmicas e vidro. Associado a este apogeu construtivo regista-se um crescimento demográfico e uma florescente atividade económica, bem evidenciada por um elevado ritmo das importações (Martins *et al.*, 2012:57).

Entre finais do século III e inícios do século IV, *Bracara Augusta* voltou a registar um novo desenvolvimento urbanístico e arquitetónico, associado à elevação da cidade a capital da nova província da Galécia, criada com Diocleciano, período em que a cidade assumiu uma maior importância no contexto peninsular (Martins *et al.*, 2012). Esta nova fase de fulgor construtivo caracteriza-se por diversas transformações e remodelações quer em edifícios públicos como privados, articulando-se com a construção de uma poderosa muralha. Por outro lado, este momento de dinamismo construtivo na cidade baixo-imperial está associado a transformações na topografia urbana, associada ao estreitamento e desafetação de alguns eixos viários, sendo alguns integrados nas habitações (Martins *et al.*, 2012). As remodelações nas *domus* também comprovam este crescimento, sendo muitas delas beneficiadas neste período com a instalação de banhos privados e enriquecidas com novos e sofisticados programas decorativos (Magalhães, 2013).

3. ARQUITETURA DOMÉSTICA EM BRACARA AUGUSTA

3.1. *Balanço dos estudos realizados*

O início da Arqueologia Urbana em Braga possibilitou a realização de dezenas de escavações que, a partir de 1976, no âmbito do Projeto de Salvamento de *Bracara Augusta*, da responsabilidade da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, tem permitido identificar vários vestígios pertencentes a *domus* com cronologias que se situam entre o período flaviano e o baixo-imperial (Fig. 2.).

Até ao momento, os vestígios de habitações exumados em Braga permitem confirmar a existência na cidade de *domus* de peristilo, bem como de um exemplar de casa de átrio e peristilo, representado pela *domus* das Carvalheiras (Magalhães, 2013:28). Sabemos, também, que este tipo de casas de elite começou a ser construído em *Bracara Augusta* apenas a partir de meados do século I e que a grande maioria sobreviveu até finais do século IV, destacando-se um período

de remodelações profundas na estrutura das casas, datado entre finais do século III e os inícios século IV (Magalhães, 2015: 72).

No entanto, apesar dos numerosos vestígios de diferentes *domus* identificados até hoje em Braga, estes apresentam um carácter fragmentário, sendo a *domus* das Carvalheiras o único exemplar que foi escavado integralmente (Martins, 1997-98). Com efeito, do conjunto das casas que ocupariam os quarteirões da cidade romana, conhecem-se apenas sete exemplares de *domus*, dispondo-se para seis deles apenas de plantas parciais. Este facto resulta das contingências da Arqueologia Urbana, que não possibilita uma fácil escavação e recuperação da planimetria das construções.

Esta circunstância evidencia as dificuldades com que nos confrontamos na hora de realizar uma abordagem de síntese sobre as *domus* de *Bracara Augusta*, devido à natureza dos vestígios disponíveis, todos eles resultantes de intervenções arqueológicas de carácter preventivo. Contudo, apesar destas limitações, e porque foi já possível recuperar a malha urbana de *Bracara Augusta* (Martins *et al.*, 2012), conseguimos hoje inserir com todo o rigor os vestígios habitacionais da cidade no interior dos respetivos quarteirões, facto que nos permite perceber alguns aspetos da organização funcional dos diferentes compartimentos que podem ser identificados com base na cronologia das diferentes estruturas conhecidas. Por outro lado, foi possível observar alguns aspetos recorrentes na construção das *domus* de *Bracara Augusta*, como a ocorrência sistemática de pórticos ao longo das fachadas das casas, a existência de lojas abertas aos pórticos, ou a existência de várias entradas nas casas, quase sempre relacionadas com um espaço central aberto, seja ele o átrio, ou o peristilo.

Tendo por base o estudo da *domus* das Carvalheiras, realizado entre 1998 e 2000 (Silva, 2000), bem como a sistematização dos dados referentes a outras escavações, foram sendo individualizadas outras *domus* que tornaram-se objeto de estudo (Magalhães, 2010; Silva 2013; Torres, 2014). Entretanto, a interpretação dos vestígios das casas conhecidas beneficiou bastante da realização de modelações 3D, usando diferentes *softwares*, as quais nos ajudam a compreender melhor o ordenamento e a articulação dos espaços das casas.

3.2 *As domus de Bracara Augusta*

A *domus* das Carvalheiras data do último quartel do século I e situava-se num quarteirão do setor noroeste da cidade romana, nas proximidades da zona monumental. O projeto arquitetónico da casa foi implementado de raiz, num terreno com uma localização privilegiada, o que deverá ter influenciado o custo da sua construção, que terá sido bastante dispendiosa (Ribeiro *et al.*, 2015). Todavia, parte do investimento realizado na sua construção pode ter sido amortizado com o aluguer dos numerosos espaços comerciais (*tabernae*) que se dis-

punham ao longo das fachadas poente e sul, ao longo dos pórticos que bordejavam as ruas (Magalhães, 2013:22).

Na verdade, foi projetada uma habitação estruturada segundo o modelo clássico de casa de átrio e peristilo, ladeada por ruas que ocupou uma área de 1152 m² (110 x 120 pés), flanqueada por pórticos com cerca de 10 pés de largura que possibilitavam a circulação e proteção dos transeuntes, bem como as atividades que se desenrolavam nas lojas dispostas na parte baixa da casa (Magalhães *et al.*, 2015:91).

A *domus* dispunha-se em duas plataformas, como solução para os problemas apresentados pela topografia do terreno, existindo um desnível de 3 m de altura entre cada uma, arquitetonicamente solucionado com a construção de um muro interior. Deste modo, na plataforma sul, a mais elevada, situavam-se o átrio e os compartimentos envolventes, ocupando 134m², enquanto a zona mais baixa, situada a norte, estava associada ao núcleo do peristilo, que formalizava uma ampla área aberta em torno da qual se desenvolviam vários espaços da casa, totalizando 476m² (Fig. 3.1).

O acesso ao interior da *domus* era efetuado por duas entradas principais. Uma delas situava-se a sul e dava acesso direto à área do átrio. A outra encontrava-se rasgada na fachada norte, alinhando com o *ambulacrum* nascente do peristilo. Foi ainda identificada outra entrada, que julgamos secundária, realizada a partir do pórtico oeste, que possibilitava o acesso direto ao átrio, através de uma escada. Internamente a comunicação era efetuada por uma escada, que permitia a ligação entre o núcleo público da casa, associado ao átrio e ao *tablinium* e o núcleo privado, associado ao peristilo e compartimentos envolventes (Fig. 3.2).

Era em torno do peristilo que se situavam as áreas de representação, a sul e a oeste, onde se localizava a sala triclinar, associada a dois espaços contíguos. A sul do *triclinium* situava-se a cozinha e a poente desta a latrina.

No século II a *domus* foi desarticulada com a construção de um *balneum* público que ocupou uma área de 190m² (Martins, 2015). Assim, a metade norte da habitação foi alvo de uma profunda remodelação, tendo o anterior peristilo sido convertido na palestra das termas, enquanto os compartimentos envolventes foram transformados em lojas (Martins *et al.*, 2012:63). Na parte sul do quarteirão persistem as lojas, o átrio e os espaços anexos, sendo de presumir que a área habitacional cresceu em altura, muito embora perdendo a configuração e função de *domus*. O conjunto residencial que persiste associado ao lado sul do quarteirão foi sofrendo sucessivas reformas até aos séculos V/VII, o que demonstra a longa ocupação do conjunto, mas também a sua paulatina metamorfose, refletindo a evolução urbanística e arquitetónica dos quarteirões residenciais de *Bracara Augusta* (Fig. 3.3).

Uma outra *domus* foi identificada na zona arqueológica do Ex Albergue Distrital. Construída na época flávia, situava-se a nordeste do *forum* e a nascente do setor norte do *cardo máximo* e parece corresponder a uma casa de peristilo (Fig. 4.1). De facto, embora apenas se conheça a sua parte poente, claramente associada ao *cardo máximo*, podemos inferir com base nos vestígios disponíveis que a sua parte central seria ocupada por um espaço aberto, associado a equipamentos hidráulicos, onde presumimos poder situar-se o peristilo. Este espaço encontra-se alinhado com uma entrada que julgamos corresponder ao acesso mais nobre da habitação. Este encontra-se rasgado na fachada poente, abrindo para o pórtico e era definido por uma pequena colunata que possibilitava o acesso a um pequeno vestíbulo que comunicava com um espaço interior aberto ao peristilo (Magalhães, 2013:24). A norte da entrada deveria estar localizado o *tablinum* e julgamos que o *triclinium* se situaria a nascente do peristilo (Torres 2014; Magalhães *et al.*, 2015).

Quer a fachada poente, ladeando o *cardo máximo*, quer a sul, possuíam lojas que abriam aos pórticos. Tendo por base os vestígios encontrados é presumível que uma dessas lojas correspondesse a um *termopolium*.

Na zona arqueológica da rua Frei Caetano Brandão/Santo António das Travessas foi identificada uma outra *domus* (Fig. 4.2). Também neste caso apenas possuímos vestígios fragmentários, correspondentes à parte sul da casa, tendo sido possível documentar parte do pórtico poente que ladeada o *cardo máximo* (Magalhães, 2013:28).

Esta habitação foi construída no século I e arrasada no século II para a construção de umas grandes termas públicas, podendo ter durado cerca de um século. Estamos perante um exemplar da arquitetura doméstica que se evidencia pela presença de numerosos vestígios de reboco e de pintura em variadas paredes, o que pode indicar que diversos compartimentos deste conjunto habitacional eram revestidos com pintura mural, demonstrando, simultaneamente, a sumptuosidade das *domus* de *Bracara Augusta* (Fig. 4.3). Dos espaços interiores da habitação foi possível identificar a área do peristilo, que ocuparia a parte central da casa e um grande compartimento que se dispunha a nascente e que pensamos poder corresponder ao *triclinium*.

Outra *domus* de peristilo foi identificada na zona arqueológica da Escola Velha da Sé. Esta habitação foi construída no século I, localizando-se a norte do *forum*, sendo a sua fachada nascente delimitada pelo *cardo maximus* (Fig. 5.1). As ruínas identificadas até ao momento correspondem à parte sul da habitação, muito embora se encontre atualmente em fase de escavação a sua parte norte. Os dados disponíveis reportam-se à fachada nascente, onde se rasgava uma entrada e algumas lojas que abriam para um pórtico. Pouco sabemos da estrutura interna da habitação na sua fase alto imperial, uma vez que /foi objeto de uma profunda remodelação nos finais do século III / inícios do século IV, a qual

alterou bastante a sua configuração. Esta reforma está relacionada com a construção de uns banhos privados, o que implicou a reforma de toda a ala oeste da *domus* (Magalhães, 2013:24).

Na zona arqueológica das Cavalariças também foi identificada uma outra *domus* que ocupava um quarteirão da zona sul da cidade, dispondo-se a nascente do setor sul do cardo máximo. Estamos perante um exemplar de casa de peristilo, construído na época flávia e que reutiliza alguns silhares associados a uma construção anterior, de características desconhecidas (Silva, 2013). Tal como acontece nas *domus* anteriormente referidas, não dispomos da totalidade da planta da casa. No entanto, possuímos vestígios que permitem afirmar que o peristilo ocupava a área central da habitação, o que lhe permitia organizar a distribuição de todos os compartimentos localizados em redor (Fig. 5.2). Assim, à nascente situavam-se os *cubicula* e à poente o *triclinium*. A norte existia um espaço aberto com um poço. Também a dimensão dos compartimentos a sul permitem sugerir que aí se dispunham alguns espaços de representação da casa, designadamente um *oecus* e uma *exedra* (Magalhães *et al.*, 2015).

Esta habitação sofreu uma enorme remodelação entre o final do século III e o início do século IV, a qual se associa à monumentalização de alguns espaços, o que implicou alterações na organização dos compartimentos (Silva, 2013:63).

As ruínas identificadas nos números 42/46 da rua Afonso Henriques permitem identificar uma outra *domus*, construída em meados do século I, que ocupava um quarteirão situado na parte nordeste da cidade (Martins *et al.*, 2014) (Fig. 6.1). A habitação organizava-se em redor do espaço aberto, localizado na área nascente da casa, sendo presumível que aí se situasse o peristilo. Pensamos também que a poente se dispunha uma grande sala triclinar. A norte, corria um corredor longitudinal no sentido E/O que parece definir duas áreas distintas da casa. Posteriormente, no século II a unidade habitacional foi demolida, para se construir de um grande complexo termal público (Martins *et al.*, 2014: 100).

Finalmente, cabe destacar as ruínas identificadas no claustro do Seminário de Santiago (Fig. 6.2), que correspondem a parte de uma *domus* construída nos finais do século I, registando posteriormente, no final do século III/início do século IV, uma importante reforma. As evidências disponíveis reportam-se à área do peristilo, que foi remodelada, sendo a área central adornada com um tanque, revestido com mosaicos com figurações de fauna marinha (Magalhães, 2010:89). Cabe destacar também que na mesma época foi construído um *balneum* privado, que se situava a nordeste do peristilo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arqueologia tem vindo a documentar que em *Bracara Augusta* as *domus* começaram a ser construídas entre meados do século I e a época flávia e que possuíam áreas construídas com aproximadamente um *actus*, sendo sistematicamente rodeadas de pórticos, o que possibilitava o acesso às numerosas *tabernae*, abertas nas fachadas das habitações (Martins; Fontes, 2010:116).

Apesar do carácter fragmentário dos dados apresentados, é possível concluir que em *Bracara Augusta* predomina o modelo de casa de peristilo, tal como acontece noutras cidades da Hispânia e, de um modo geral, nas províncias ocidentais do Império (Gros, 2006:160). No entanto, convém salientar que na maioria dos casos não possuímos a totalidade das plantas das casas, pelo que nada obsta a que existam mais casa de átrio e peristilo, como acontece com o exemplar das Carvalheiras.

O modelo de casa de peristilo sobreviveu até finais do século IV. No entanto, a maioria dos exemplares de *domus* conhecidas foram fortemente remodelados entre finais do século III e os inícios do IV. Nessa fase, as casas sofreram alterações significativas, destacando-se o facto de os pórticos desaparecerem, sendo integrados nas construções. Por outro lado, as casas adotam evidentes sinais de luxo, com o uso de mosaicos e estuques e a instalação de balneários privados, implicando, na maioria dos casos, uma profunda reorganização do espaço interno das habitações.

Este programa de reabilitação urbana relaciona-se com a promoção da cidade a capital da nova província da *Gallaecia*, criada por Diocleciano. Por outro lado, evidencia a persistência em *Bracara Augusta* de uma elite endinheirada, que deveria ocupar as funções administrativas associadas às novas funções políticas da cidade, as quais parecem ter usado as suas casas como cenários de representação dos seus estatutos e contextos de competição pelas carreiras do estado (Magalhães *et al.*, 2015).

A partir do século V os espaços das *domus* desarticulam-se e fragmentam-se dando origem a várias unidades domésticas, propriedade de vários moradores. Esta compartimentação poderá evidenciar um aumento da população, daí a necessidade de criar novas áreas de residência, que podem também ter sido solucionadas com o crescimento vertical dos edifícios (Martins, *et al.*, 2015). No entanto, a compartimentação das *domus* em múltiplas habitações parece sobretudo evidenciar o fim de um contexto social e político, característico do mundo romano, em que a casa funcionava como expressão da riqueza e do estatuto dos seus proprietários, algo que é particularmente visível no Baixo-Império.

Assim, as *domus* representam um dos contextos mais importantes para compreender as múltiplas sociabilidades que se desenrolavam no dia-a-dia das cidades do Império, bem como o nível cultural e social das elites provinciais.

5. BIBLIOGRAFÍA

- ELENA, G. A.; MAR, R.; MARTINS, M. (2008), “A Fonte do Ídolo: análise, interpretação e reconstituição do santuário de Bracara Augusta”, in M. Martins (coord.) Bracara Augusta. *Escavações Arqueológicas 4*, UAUM /NARQ, Braga.
- FONTES, L.; LEMOS, F. S.; CRUZ, M. (1997-98), “‘Mais Velho’ que a Sé de Braga. Intervenção arqueológica na catedral bracarense: notícia preliminar”, *Cadernos de Arqueologia*, 14/15, Série II, 137-164, Braga.
- GROS, P. (2006), “*L’Architecture romaine. Du début du IIIe siècle av. J.-C. à la fin du Haut-Empire: Maisons, palais, villas et tombeaux*”, v. 2. Editions A&J Picard, 148-196, Paris.
- MAGALHÃES, F. (2010). “*Arquitetura doméstica em Bracara Augusta*”, Dissertação de Mestrado (policopiada), Universidade do Minho, Braga. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/13619>
- (2013). “Arquitetura doméstica em Bracara Augusta”, *Interconexões*, Volume 1, Nº1, 13 – 30, Braga.
- (2015) “Espaço doméstico e sociabilidades: As domus de Bracara Augusta”, in Gilvan Ventura da Silva; Leni Ribeiro Leite; Érica Cristhyane Morais da Silva; Belchior Monteiro Lima Neto (org.) *Cotidiano e Sociabilidades no Império Romano*, GM Editora, Vitória, ES (Brasil), 67-81.
- MAGALHÃES, F.; RIBEIRO, J.; MARTINS, M. (2015). “Entre o público e o privado. Cenários do quotidiano na domus das Carvalheiras”, in Dossiê: A cidade romana entre a História, a Arqueologia e a Literatura, *Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos*, 6, Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, UFES, 88-106, Vitória, Brasil.
- MARTINS, M. (1997/98), “A zona arqueológica das Carvalheiras. Balanço das escavações e interpretação do conjunto”, *Cadernos de Arqueologia*, 14 /15, Série II, 23-45, Braga.
- (2005), “As termas romanas do Alto da Cidade. Um exemplo de arquitetura pública de *Bracara Augusta*”, in M. Martins (coord.) Bracara Augusta. *Escavações Arqueológicas 1*, UAUM /NARQ, Braga.
- (2015), “Entre o ócio e a sociabilidade: o papel das termas públicas na vida social de *Bracara Augusta*”, in Gilvan Ventura da Silva; Leni Ribeiro Leite; Érica Cristhyane Morais da Silva; Belchior Monteiro Lima Neto (org.) *Cotidiano e Sociabilidades no Império Romano*, GM Editora, Vitória, ES (Brasil), 13-30 ISBN: 978-85-8087-147-0

- MARTINS, M.; FONTES, L. (2010), “*Bracara Augusta*. Balanço de 30 anos de investigação arqueológica na capital da Galécia Romana”.in González Villaescusa, R e Ruíz de Arbulo, J. (eds.) *Simulacra Romae II. Rome, les capitales de province (capita provinciarum) et la création d’un espace commum européen. Une approche archéologique*. Bulletin de la Societé archéologique champenoise. Mémoire nº19, 111-124
- MARTINS, M.; RIBEIRO, J.; MAGALHÃES, F.; BRAGA, C. (2012), “Urbanismo e Arquitetura de Bracara Augusta. Sociedade, economia e lazer”, in Ribeiro, M.C. e Melo, A (coord.) *Evolução da Paisagem Urbana: Sociedade e Economia*, CITCEM, 29-69, Braga.
- MARTINS, M.; FONTES, L.; CUNHA, A. (2013), “Arqueologia urbana em Braga: balanço de 37 anos de intervenções arqueológicas”, in Arnaud, J. M., Martins, A. E Neves, C. (eds.) *Arqueologia em Portugal - 150 Anos*, Associação dos arqueólogos portugueses, 81-88, Lisboa.
- MARTINS, M.; MAR, R.; RIBEIRO, J.; MAGALHÃES, F. (2013a), “A construção do teatro romano de Bracara Augusta”, Melo, A. e Ribeiro, M. C. (coord.), *História da Construção. Arquiteturas e técnicas Construtivas*, CITCEM, 41-76. Braga.
- MARTINS, M.; CUNHA, A.; MAGALHÃES, F; RIBEIRO, J; BRAGA, C.; MARTINEZ PEÑIN, R. (2014), “Metamorfoses de um espaço urbano. A sequência de ocupação da Zona Arqueológica da R. Afonso Henriques nºs 42 a 56, em Braga”, *Oppidum*, nº 7, 111-28, Lousada.
- MARTINS, M.; MAGALHÃES, F.; MARTÍNEZ PEÑÍN, R.; RIBEIRO, J. (2015), “The housing evolution of Braga between late antiquity and the early middle ages”, *Agira*, Nº VIII, 33-52, Lleida.
- MORAIS, R (2001), “Breve ensaio sobre o anfiteatro de *Bracara Augusta*”, *Forum*, 30, 55-76, Braga.
- RIBEIRO, J.; MAGALHÃES, F.; MARTINS, M. (2015), “Meios, técnicas e custos de construção em Bracara Augusta no século II. O balneário das Carvalheiras”, *Férvodes*, Nº 8, 331-339, Vilalba.
- SILVA, J. R. (2000), “*A insula das Carvalheiras: estudo de um exemplo de arquitetura privada em Bracara Augusta*”. Dissertação de mestrado em Arqueologia, Braga: Universidade do Minho, Braga.
- SILVA, J. (2013), “*A domus da zona arqueológica das antigas Cavalariças de Braga. Contributo para o estudo da arquitetura doméstica em Bracara Augusta*”. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga.
- TORRES, A. (2014), “*Sequência de ocupação da Zona Arqueológica do Ex Albergue Distrital. Contributo para a análise evolutiva e funcional de uma unidade doméstica em Bracara Augusta*”, Tesis de Mestrado, Universidade do Minho, Braga.
- URIBE AGUDO, P. (2008), “*La edilicia doméstica urbana romana en el nordeste de la Península Ibérica (século I a.C - III d. C)*”. Tese de Doutoramento, Zaragoza: Universidad de Zaragoza.



Fig.1

Mapa da Península Ibérica com a localização de *Bracara Augusta*(©UAUM)

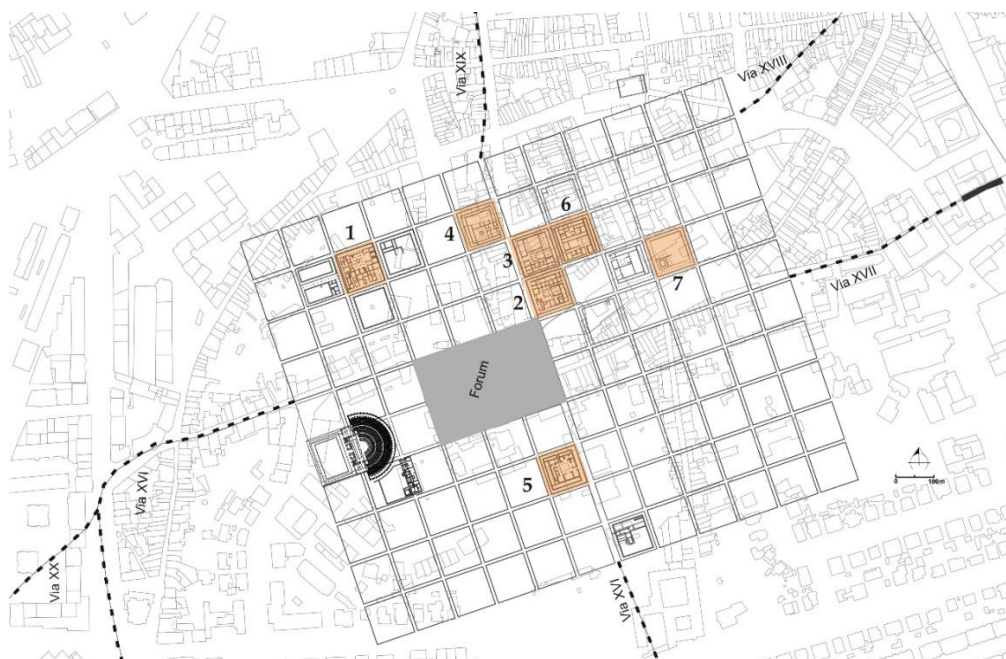


Fig. 2

Malha urbana de *Bracara Augusta* com a localização das *domus* (arquivo UAUM). 1 – *Domus* das Carvalheiras; 2 – *Domus* do Ex. Albergue; 3 – *Domus* da Frei Caetano Brandão e Santo António das Travessas; 4 – *Domus* da Escola Velha da Sé; 5 – *Domus* das Cavalariças; 6 – *Domus* do Afonso Henriques; 7 – *Domus* do Seminário de Santiago (©UAUM)

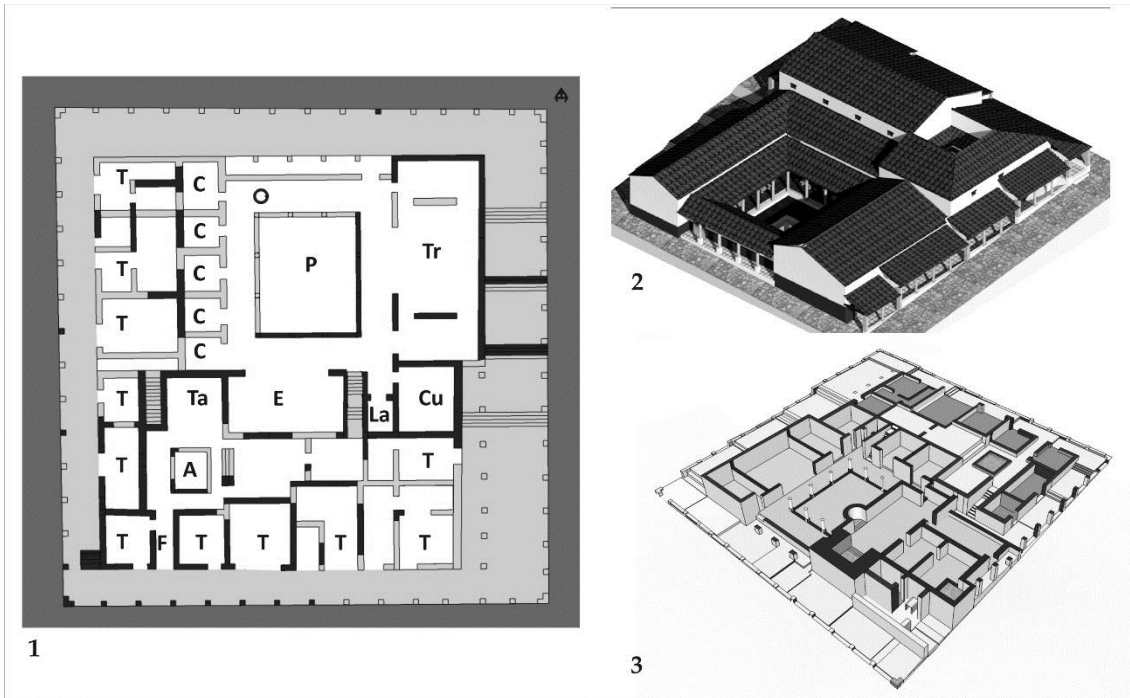


Fig. 3

1) Proposta de interpretação da *domus*. A: atrium; C: cubiculum; Cu: culina; E: exedra; F: fauces; La: latrina; P: peristylum; T: taberna; Ta: tablinum; Tr: triclinium. 2) Restituição 3D da *domus* das Carvalheiras na fase I (©UAUM). 3) Planta interpretada da *domus* das Carvalheiras na fase II (©UAUM).

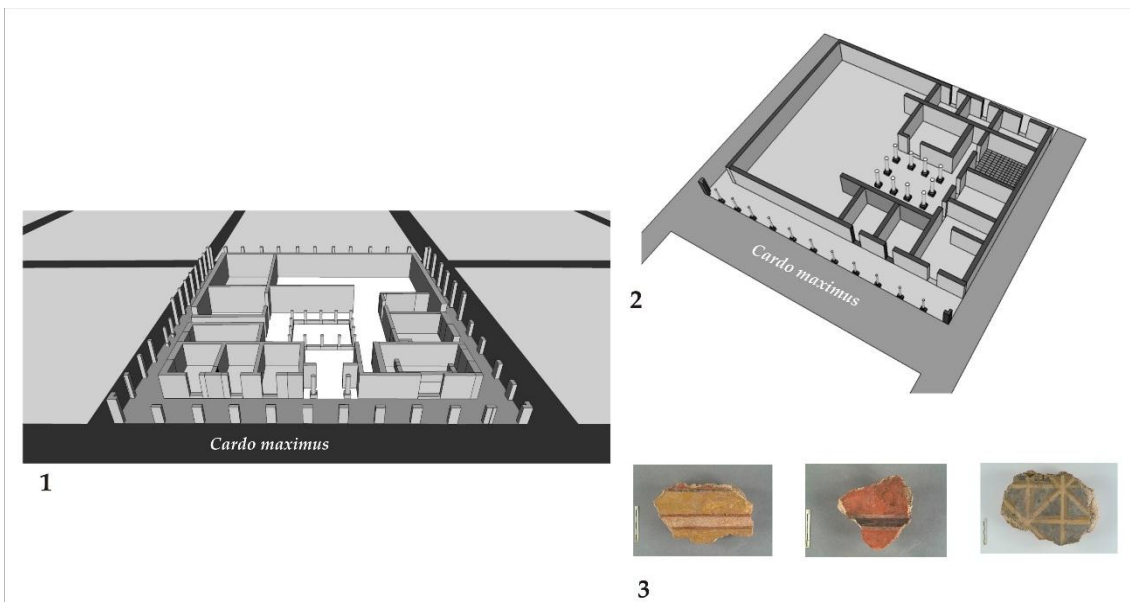


Fig. 4

1) Planta interpretada da *domus* do Ex. Albergue. 2) Proposta de interpretação da *domus* Frei Caetano Brandão/Santo António das Travessas. 3) Fragmentos de pintura do revestimento das paredes (© MDDS).

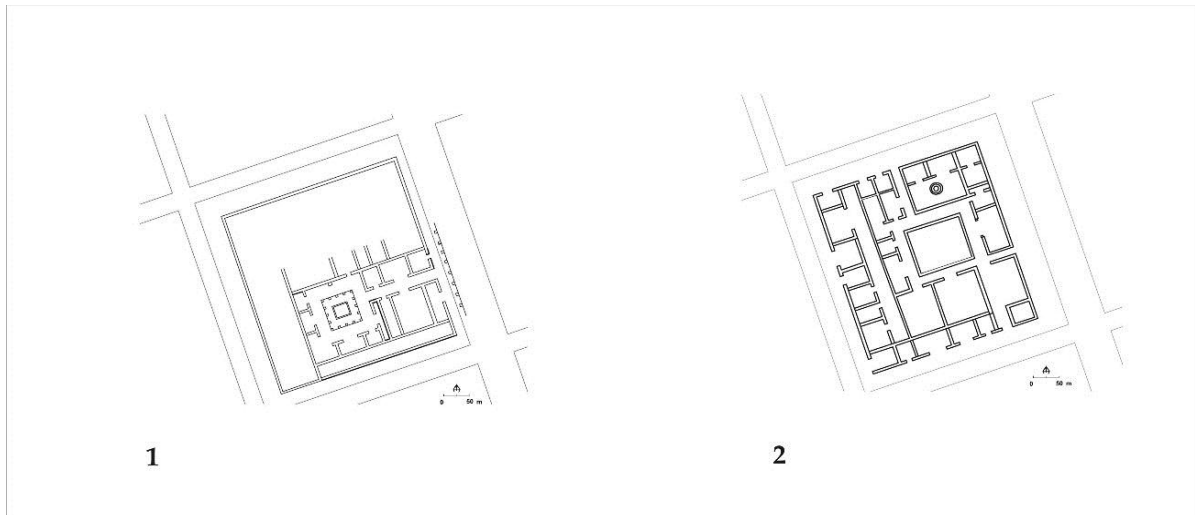


Fig. 5

1) Planta interpretada da *domus* da Escola Velha da Sé (©UAUM). 2) Proposta de interpretação da *domus* das Cavalariças (©UAUM).

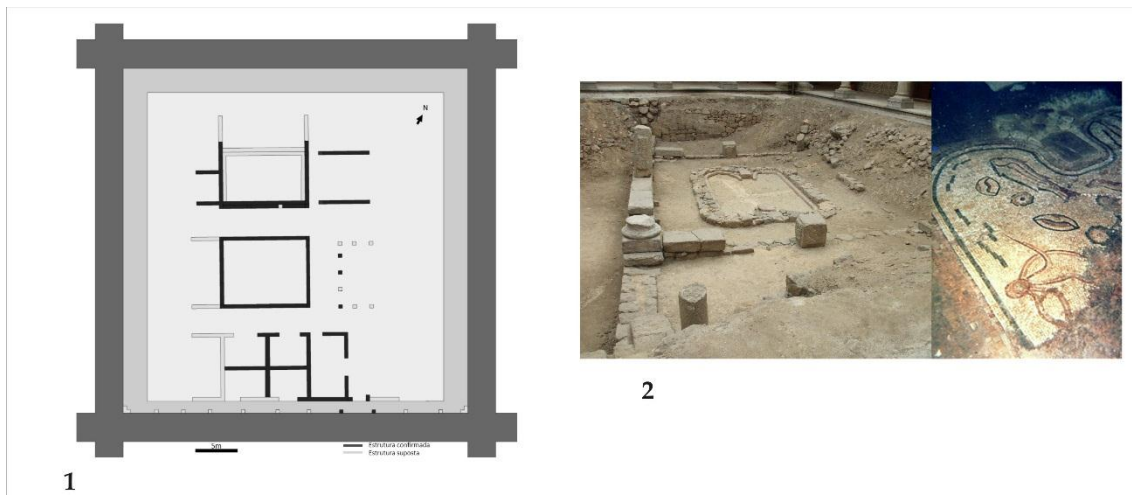


Fig. 6

1) Planta interpretada da *domus* da rua Afonso Henriques, n.º 42/46 (©UAUM). 2) Pormenor do peristilo e do mosaico do tanque da *domus* do Seminário de Santiago.